



A relação da escrita com a memória sobrepõe, na leitura, textos de Fernando Pessoa e de Maria Gabriela Llansol. Por aí se dão os

Encontros improváveis

Silvina Rodrigues Lopes

«Ninguém compreende outro. Somos, como disse o poeta, ilhas no mar da vida; corre entre nós o mar que nos define e separa. Por mais que uma alma se esforce por saber o que é outra alma, não saberá senão o que lhe diga uma palavra — sombra disforme no chão do seu entendimento» (f. 433 do Livro do Desassossego).

1. Paisagens

Todos os encontros são improváveis. Por eles (neles) sobrevivemos à teia de representações em que a vida os aprisiona. Aqui, quero partir de uma ideia comum, a de que a poesia é o Encontro. Sobrevive-se em poesia. Mas ideia comum, a quem? Terá o lugar comum, no sentido de partilha de sentimentos e conceitos, uma dimensão necessariamente poética (religiosa)? Parto de uma hipótese: o lugar comum é o espelho onde não há sobreviver mas apenas reprodução, onde não se vive, mas se é vivido.

Na época em que Pessoa escreveu, pela força dos textos, o lugar comum vacilou, a História como Grande Espelho desapareceu e todos os bocados que ficaram ou que se constroem, por mais que neles nos miremos, nos falam desse desaparecimento. O passado nunca mais será o que foi pois, inexoravelmente, o futuro já não é o que era. E faz medo. Não é o medo uma relação ao desconhecido? Medo de ler Pessoa, nos mais diversos sentidos: para não pactuar com o poder, para não conspurcar a sua obra, para não impedir a afirmação da literatura (?) actual (?). De facto, para esquecer Pessoa. E há outros modos: as leituras ideológicas, a inevitável projecção do nosso provincianismo, etc. Mas há também motivos para desdramatizar a situação. Primeiro, porque há leituras de Pessoa que não se conformam ao «já sabido» e lêem os seus textos como os de um poeta que diz, hoje (?): «Pertencem a uma geração que ainda está por vir.» Segundo, porque começamos a aceitar uma lição de Pessoa, a da incerteza, da impureza e inutilidade da arte. Talvez melhor, da escrita, onde a paixão do conhecimento, o desejo de perfeição, a indiferença, o prazer perverso do fútil, ou a ânsia da vida, não se transformam em sistema, não constituem resposta.

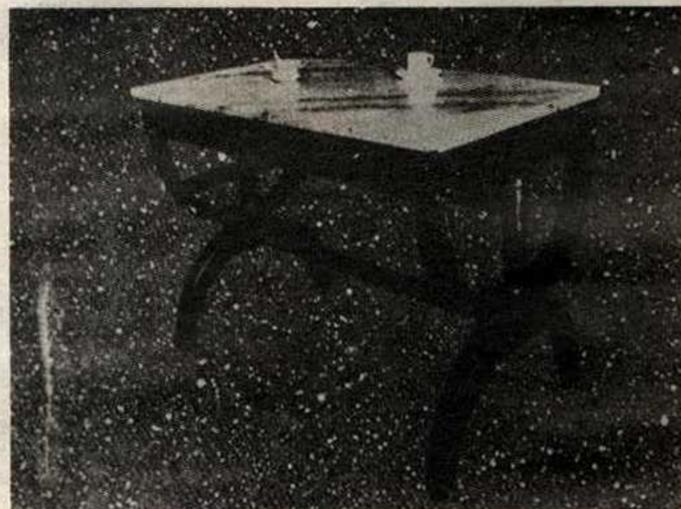
Contrariamente ao que se passa em historiografia, cujas respostas precárias implicam uma exigência de rigor na

aproximação dos factos, na escrita não há resposta histórica (eficaz), pois aí a memória não é dos factos mas do nada em que eles, real ou virtualmente, se recortam (ocorre-me que a relação de Fernando Pessoa com a história passa pela Mensagem e ressalto esse «nada», de onde brota o mito, como um afastamento decisivo em relação a um propósito de remitológização: ao afirmar a sua desnaturalidade, a ausência de fundamento, o mito anula-se, converte-se em pura ficção, memória que nada legitima, que apenas possui a necessidade que a constrói).

A relação da escrita com a memória leva-me a sobrepor, na leitura, textos de Fernando Pessoa, particularmente do Livro do Desassossego, e textos mais recentes, de Maria Gabriela Llansol (não é um propósito de comparação que me move, limitar-me-ei a seguir, através do incomparável dos textos, algumas das ideias que me comovem);

«Faço paisagens com o que sinto» (f. 12 do L.D.).

«(...)um estado da alma é



«Lapso da consciência entre ilusões / (...) Dorme, insciente de alheios corações. Coração de ninguém»

uma paisagem (...)» (f. 36 do L.D.).

«O escrever acompanha a densidade da Restante Vida, da Outra Forma do Corpo, que, aqui vos deixo qual é: a Paisagem. Escrever vislumbra, não presta para consignar. Escrever, como neste livro, leva fatalmente o Poder à perda de memória. E sabe-se lá o que é um Corpo Cem Memórias de Paisagem.» (O Livro das Comunidades, p. 10).

A ambiguidade do Corpo Cem Memórias de Paisagem é a de uma dissipação da história e de uma presença do desconhecido da memória, o imemorial que lhe retira a ilusória autonomia. Em Fernando Pessoa, as paisagens, as memórias (sem memória) são as de um «eterno passeio nocturno à beira mar»: inabitáveis, inapro-

priáveis, gráfico de um afecto inconsciente que se retrai ou avança, trazendo e levando consigo as imagens, «como um resumo escuro da história» (f. 285 do L.D.). Em Maria Gabriela Llansol, a memória é a da «restante vida», a que foi perdida pela linguagem comum da modernidade. Memórias de errâncias, de compaixão ou de desejo, esquecidas pela história mas sobreviventes no apelo dos textos e da escrita, na força que gera as imagens e as relaciona. A força de viver, pois «escrever é o duplo de viver», a possibilidade de fazer vibrar o acontecimento mais insignificante, de o retirar da sua nudez «original» para uma alegria da afirmação da vida.

2. Ruínas

Em Diário I, Um Falcão no Punho, de Maria Gabriela Llansol fala-se do encontro de Bach e Pessoa. Trata-se de um livro que a autora escreve nessas datas: Lisboa-leipzig. Ao percorrer o Diário constatamos que «pensar em Pessoa» aconte-

ce pela inevitável ligação do não-pessoal a Pessoa: «não é a primeira vez que a minha própria vida me apaice como estranha, ou pertencente ao mundo exterior: um diário pode ser mais objectivo que uma vida pessoal» (p. 64). Inevitável e associação deste Diário ao Livro do Desassossego até porque o desejo de que daquele ao «texto relativo às figuras» houvesse apenas um único passo (p. 65) traça já a fronteira oscilante, a possibilidade de vaivém entre o diário e os restantes textos.

Mas, nesta primeira referência do diário aparecem as razões que levam a autora a procurar Pessoa: «não era por um motivo pessoal (...), era por uma razão que surgia independente de mim mesma e que me levava a esforçar-me por encontrar imagens do meu corpo, e do ambiente da época que o

temera. Era necessário provar, primeiro, que ele fora dispensável; segundo, que ele tinha

existido.» (p. 64) Podemos pensar que esta necessidade se deve ao esquecimento de Pessoa praticado em nome do Nome, isto é, por uma memória do memorável, uma apropriação que nunca pode deixar de ser o eliminar, ou assimilar, do que está a mais, o «dispensável», o inútil. Necessidade de prova sem prova, como de argumentação sem conceito, é esse o movimento do encontro. Não sei se é a necessidade de prova que conduz ao encontro improvável entre Bach e Aossé («precisava de alterar a ordem das letras do nome de Pessoa para fazê-lo involuir, arrancá-lo ao hábito inveterado que tinha dele» — p. 94).

Julgo saber que em Maria Gabriela Llansol o encontro é o modo da alteração, o movimento para o outro que dispõe à multiplicidade das vozes: nenhuma figura existe em si, mas no meio, de outros corpos, vozes, outras forças que a deformam de «ali-mesmo», dir-se-ia. E ali-mesmo são os intervalos da realidade, Lisboa-leipzig, por ex., o improvável lugar da poesia e da música, que pertence a um mapa onde a realidade é pretexto de passagem, sinalização de um desejo: «Passa ave, passa e ensina-me a passar.» Sim, porque desconhecendo, activamente, as identidades culturais, a escrita dá a pensar os mais surpreendentes encontros. O encontro aparece como um nó fundamental de onde partem todos os pensamentos sobre a escrita. Lembro-me de uma passagem do Diário onde se diz: «Querida desfazer o nó que liga, na literatura portuguesa, a água e os seus maiores textos. Mas esse nó é muito forte, um paradigma frontalmente inatacável.» (p. 32) Talvez o encontro pertença a este nó: a «beira-mar», a «beira-mágoa», as lágrimas, a perda num mar interior de memórias de onde (re)nasce a ânsia da vida: «chega-nos então a ânsia da vida, de conhecer sem ser com o conhecimento, de meditar só com os sentidos ou

pensar de um modo táctil ou sensível, de dentro do objecto pensado, como se fôssemos água e ele esponja.» (f. 425, do L.D.)

Encontro-água-tempo. Ou noutra ordem: sofrer-presença. A presença sofre-se, numa passividade que descontorna, derrama. Não, não se trata de literatura (aquilo que na moda actual «dá muito gozo e nada de sofrimento»): é o viver na sua duplicidade de sobreviver, que o distingue de vegetar ou «ser

vivido». A oposição entre a vida e a arte, tão insistente em Fernando Pessoa, corresponde a uma oposição entre uma vida que se esgota em si mesma (na sua naturalidade de ser para a morte) e um sobreviver que é dizer-se (para além da morte), desdobrar-se em palavras («Mover-se é viver, dizer-se é sobreviver») e figuras, memórias: «Sofri em mim, comigo, as aspirações de todas as eras, e comigo passearam, à beira ouvida do mar, os desassossegos de todos os tempos. O que os homens quiseram e não fizeram, o que mataram fazendo-o, o que as almas foram e ninguém disse — de tudo isto se formou a alma sensível com que passei de noite à beira-mar (f. 285 do L.D.)»

A capacidade de sofrer «os desassossegos de todos os tempos» implica um tempo que não é o da diacronia e da correspondente organização narrativa, mas um tempo que, nos



